

A Contribuição de Erich Fromm para a Compreensão da Violência Contemporânea

Alice Peixoto Viana

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Departamento de Psicologia

Orientador: Prof. Me. Leonel Cardoso dos Santos

Goiânia, 2025

A Contribuição de Erich Fromm para a Compreensão da Violência Contemporânea

Alice Peixoto Viana

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Departamento de Psicologia

Orientador: Prof. Me. Leonel Cardoso dos Santos

Trabalho apresentado como requisito parcial da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Realizado sob orientação do professor Me. Leonel Cardoso.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Leonel Cardoso
Professor Supervisor

Profª. Dra. Juliana Hannum
Professora Convidada

Prof. Dr. Cleito Pereira
Professor Convidado

Data da Avaliação: ____/____/____

Nota final: _____

Resumo

A violência é um fenômeno complexo e cada vez mais presente na contemporaneidade. Na psicanálise, trata-se de um dos temas mais debatidos, tendo como principal referência as contribuições de Freud. Contudo, há autores marginalizados nesse campo, como Erich Fromm, que aborda a agressividade humana sob perspectivas sociais e culturais. O objetivo deste estudo é analisar as contribuições de Fromm para a compreensão da violência contemporânea, a partir de uma revisão narrativa e de uma análise exploratória de *O Coração do Homem* (1974). Observou-se que Fromm discute manifestações como narcisismo, necrofilia e violência compensatória, destacando a crítica à sociedade capitalista, ainda que apresente certas limitações e falta de clareza quanto ao papel da luta de classes como determinação fundamental da violência.

Palavras-chave: psicanálise, violência, marxismo.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
MÉTODO	3
RESULTADOS	4
DISCUSSÃO	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

A CONTRIBUIÇÃO DE ERICH FROMM PARA A COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA CONTEMPORÂNEA

O fenômeno da violência tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, incluindo sociologia, biologia, psicologia, psicanálise e antropologia. Pesquisadores dessas áreas buscam compreender suas raízes, analisando desde eventos históricos marcantes, até manifestações cotidianas. Investigar a violência permite não apenas compreender comportamentos agressivos, mas também identificar as determinações que sustentam dinâmicas sociais conflituosas.

Vários casos de agressão¹ são registrados diariamente no Brasil, envolvendo diferentes tipos de violência. Um caso recente ocorrido no Rio Grande do Norte ganhou grande repercussão: um ex-jogador de basquete agrediu sua namorada com mais de 60 socos dentro de um elevador (2025). Segundo as investigações, o episódio parece ter sido motivado por ciúmes. No entanto, o objetivo aqui não é analisar um caso específico, até porque não dispomos de elementos suficientes para isso, mas sim refletir sobre as diferentes determinações da violência, buscando compreender suas manifestações na atualidade.

Nesse sentido, analisar concepções teóricas sobre a agressão oferece uma perspectiva mais ampla da natureza humana e dos mecanismos que reforçam a violência. Compreender seus impactos torna-se ainda mais fundamental diante do aumento de diferentes formas de violência. Logo, pesquisar suas origens, manifestações e mecanismos de manutenção é essencial para prevenir e reduzir a violência.

Mas, a priori, é necessário esclarecer o que se entende por violência, pois “no mundo das representações cotidianas, a violência é confundida com qualquer uso da força, reação abrupta, explosão, ruptura” (Peixoto, 2023, p. 12). Assim, consideramos que a violência é um fenômeno social “caracterizado pela imposição – pela força física ou por qualquer outra forma de constranger outro a aceitar algo indesejável ou prejudicial ao desenvolvimento natural do indivíduo ou grupo social – realizada por um indivíduo/grupo social a outro indivíduo/grupo social” (Viana, 2004, p. 20). Ou seja, a violência abrange um conjunto de fenômenos, sendo, portanto, “uma relação social de imposição e não se confunde apenas com a violência física ou com a criminalidade” (Viana, 2004, p. 20). Nesse sentido, compreendemos a violência como resultado das contradições entre as classes sociais e das relações de exploração e dominação (Ianni, 2002).

¹ Os termos agressão e violência são utilizados como sinônimos.

Viana (1999) explica que a violência pode assumir diversas formas, física, simbólica, sexual, entre outras, e que sua classificação é complexa, variando conforme os critérios adotados. O autor aponta que ela pode ser diferenciada segundo as características das vítimas, dos agressores, do local, da forma de ocorrência ou dos objetivos envolvidos. Entre as classificações, destaca algumas formas descritas por Erich Fromm: violência reativa, vingativa, compensatória e recreativa, que serão abordadas adiante. Nesse sentido, a investigação da violência deve contemplar suas múltiplas determinações (biológicas, psíquicas e sociais). As reflexões de autores da psicanálise, ainda que não esgotem esse conjunto de determinações, oferecem uma perspectiva relevante para compreender a agressão humana.

Freud, considerado o autor de maior visibilidade e relevância dentro da psicanálise, abordou o fenômeno da agressão a partir de uma perspectiva distinta da de Erich Fromm, considerando que os impulsos instintuais não são bons nem maus em si, mas que são classificados dessa forma a partir dos moldes da sociedade e das suas necessidades (Freud, 1915/1974).

Nesse sentido, considerou a existência de uma compulsão à repetição que se colocava acima do princípio de prazer (Freud, 1920/1974). Essa compulsão age de modo a restaurar uma condição anterior, conduzindo a vida orgânica de volta ao estado inorgânico e, “se nesse instinto identificamos o impulso para a autodestruição, de nossas hipóteses, então podemos encará-lo como a manifestação de um instinto de morte que nunca pode estar ausente em qualquer processo vital” (Freud, como citado em Fromm, 1974, p. 53).

Embora a psicanálise tenha formulado diversas teorias sobre a agressão, ainda existem autores que são marginalizados. Enquanto a teoria freudiana é amplamente reconhecida nesse contexto, a abordagem de Fromm frequentemente recebe menos destaque, apesar de suas contribuições relevantes para a compreensão dos aspectos sociais e culturais da agressividade humana. Dessa forma, analisar quais são as contribuições de Erich Fromm para a compreensão da violência contemporânea pode enriquecer o entendimento das motivações psíquicas e suas determinações sociais, ampliando as possibilidades de apreensão desse fenômeno.

Erich Fromm, psicanalista e sociólogo alemão nascido em 1900, dedicou-se à crítica da sociedade capitalista, fundamentando-se no humanismo e no marxismo (Dobrenkov, 1978; Fromm, 1962). Foi amplamente influenciado por Freud, de quem se distanciou em determinados aspectos, e recebeu também forte influência de Marx ao articular a psicanálise com uma ênfase maior nos aspectos sociais e econômicos (De la Fuente, 1989; Fromm, 1962). Produziu diversas obras de grande relevância; no que se refere à temática da agressão, desenvolveu contribuições significativas em diferentes momentos de sua produção intelectual.

Em *O Medo à Liberdade* (1941), Fromm introduz a questão do processo de individuação, entendido como o rompimento com os vínculos primários e suas possíveis soluções, que podem levar a contextos de violência. Em *Análise do Homem* (1961), apresenta o conceito de dicotomias existenciais e discute as orientações no processo de socialização, abrangendo manifestações como o sadismo e o masoquismo. Posteriormente, em *O Coração do Homem* (1964), analisa diferentes formas de violência, acrescenta novas orientações de socialização e expõe a dicotomia entre biofilia e necrofilia, vinculada ao fenômeno da agressividade. Por fim, em *Anatomia da Destrutividade Humana* (1975), distingue agressão benigna e agressão maligna, aprofunda a reflexão sobre a necrofilia e examina casos de indivíduos sádicos e necrófilos, como Stalin e Hitler.

Assim, ao observarmos que Fromm abordou a temática da agressividade em uma perspectiva freudomarxista, compreendendo a violência como uma relação social que pode assumir diversas manifestações, estabelecemos como objetivo compreender suas contribuições para o entendimento da violência contemporânea. Fromm destacou que

se os atos que têm intenção de destruir, os que têm a intenção de proteger e os que têm a intenção de construir passam a ser, todos eles, denotados por uma única e mesma palavra, então, na verdade, não haverá qualquer esperança de que se compreenda sua “causa” (Fromm, 1973, p. 17).

Logo, reconheceu a necessidade de diferenciar as formas de manifestação da violência, compreendendo que existe uma dimensão mais restrita, diretamente ligada à crueldade e à destrutividade humana, que não serve à vida. Nesse sentido, a investigação da violência deve considerar as diferentes formas de agressão, especialmente aquelas vinculadas aos conflitos do psiquismo humano. Portanto, Erich Fromm pontuou diversas motivações psíquicas para a violência, discutindo sua dimensão psicológica e social, inclusive reconhecendo que algumas manifestações podem até servir à vida (Fromm, 1973).

Sua ênfase, entretanto, recai sobre as formas malignas de violência, presentes apenas em uma parcela restrita dos indivíduos. Assim, torna-se necessário esclarecer as principais manifestações por ele abordadas, a partir da análise de *O Coração do Homem*, a fim de compreender suas contribuições para o estudo da violência em seu aspecto mais contemporâneo. Para isso, este trabalho adotará a análise exploratória e a revisão narrativa.

Método

O presente trabalho consiste em um estudo qualitativo, de caráter teórico e bibliográfico, sobre a temática da violência em Erich Fromm. Para sua realização, serão empregadas a análise exploratória e a revisão narrativa.

A revisão narrativa possibilita uma visão mais ampla de determinado assunto sob uma perspectiva teórica, sem a necessidade de critérios rígidos para a seleção do material. Trata-se de uma análise da literatura publicada, no caso deste estudo, de um livro, a partir da interpretação e da análise crítica pessoal do autor (Rother, 2007). Já a análise exploratória permitirá examinar e interpretar os principais conceitos, além de refletir sobre as possíveis contribuições para o debate acerca da violência.

A escolha inicial partia da análise de quatro obras de Erich Fromm, *O Medo à Liberdade* (1941), *Análise do Homem* (1961), *O Coração do Homem* (1964) e *Anatomia da Destrutividade Humana* (1975), uma vez que todas abordam a temática da agressão e oferecem certa linearidade à perspectiva do autor. Entretanto, em razão de limitações de tempo, optou-se por concentrar o estudo em uma única obra.

Assim, foi selecionado para análise o livro *O Coração do Homem*, cuja escolha se justifica tanto pela relevância teórica quanto pelo enfoque simultâneo nas manifestações mais comuns da violência e em suas formas mais ligadas à crueldade. Além disso, trata-se da obra em que Fromm expõe, pela primeira vez, sua perspectiva sobre biofilia e necrofilia, conceitos diretamente relacionados ao fenômeno da agressão. Publicada originalmente em 1964, a obra apresenta diferentes classificações da violência, com destaque para suas manifestações malignas, o narcisismo, a necrofilia e a fixação simbiótica à mãe, mas sem se restringir apenas às formas de maior intensidade.

Portanto, partindo da análise exploratória e da revisão narrativa, pretende-se relacionar os conceitos psicanalíticos às condições sociais mais amplas, a fim de compreender o fenômeno da violência contemporânea e destacar as contribuições de Erich Fromm para seu entendimento.

Resultados

Em *O Coração do Homem* (1974), Erich Fromm inicia sua reflexão discutindo se o ser humano é, por natureza, bom ou mau, tendo como objetivo final oferecer uma resposta a essa questão. Mas, para chegar a uma resposta, ele apresenta formas de agressão benignas e malignas, além de abordar as condições sociais para o desenvolvimento da biofilia e da necrofilia.

Vale destacar que Fromm considera a biofilia e a necrofilia como tendências que orientam a vida, sendo que a maioria dos indivíduos da sociedade capitalista será uma mistura de ambas as tendências. O que importa, na realidade, é qual delas predomina, aspecto que será destacado nas condições sociais para o desenvolvimento da biofilia e da necrofilia.

O autor apresenta três formas de orientação consideradas malignas: o amor à morte (necrofilia), o narcisismo maligno e a fixação simbiótica à mãe, destacando que a combinação dessas três leva ao que ele denominou “síndrome de deterioração”. Em contraposição, descreve a “síndrome de crescimento”, composta pelo amor à vida (biofilia), pelo amor à humanidade e pela independência (Fromm, 1974). Além disso, dedica um capítulo às diferentes formas de violência que podem ser consideradas mais ou menos benignas, ou seja, que, de alguma maneira, ainda servem à vida, distinguindo quatro tipos principais: a recreativa, a reativa, a vingativa e a compensatória (Fromm, 1974).

Dessa forma, para compreender as principais contribuições de Erich Fromm acerca da violência, a partir da análise dessa obra, optou-se por organizar sua concepção em três categorias. A primeira refere-se às formas de agressão benignas, entendidas como manifestações voltadas à autopreservação e à defesa da vida. A segunda aborda as formas de agressão malignas, associadas à destrutividade e à crueldade, dimensões que não estão relacionadas à necessidade de sobrevivência. Por fim, a terceira contempla as condições sociais que favorecem o desenvolvimento da biofilia e da necrofilia, evidenciando os contextos históricos e sociais na constituição do comportamento violento.

Formas de Agressão Benignas

Fromm classifica as manifestações benignas em quatro tipos: violência recreativa, violência reativa, violência vingativa e violência compensatória. A violência recreativa manifesta-se em atividades nas quais a violência compõe a exibição técnica, como em jogos e lutas que não têm o objetivo de matar.

A violência reativa, por sua vez, ocorre na defesa dos interesses do indivíduo, como a preservação da vida ou da propriedade. Tem origem no medo e tem como finalidade proteger, não destruir. Por outro lado, a violência vingativa, diferentemente da reativa, não possui uma função defensiva. Trata-se, de acordo com Fromm (1974), de uma reação irracional baseada na lógica do “olho por olho”. Ainda assim, todas essas formas de violência, por mais distorcidas que sejam, servem à manutenção da vida.

No entanto, a violência compensatória se distingue por poder ser considerada patológica. É uma violência que, devido à incapacidade e à impotência, indica a deformação

da vida. Entretanto, Fromm ainda considera que essas manifestações podem ser mais ou menos benignas, servindo à vida de maneira direta ou indireta, pois “ainda demonstra a necessidade do homem de estar vivo e de não ser um inválido” (Fromm, 1974, p. 35).

Formas de Agressão Malignas

Agora, iremos abordar as manifestações que não servem à vida, mas que estão diretamente relacionadas a crueldade e destrutividade, essas são consideradas as manifestações da agressão maligna: necrofilia, narcisismo e fixação simbiótica à mãe. A necrofilia é o amor à morte, se traduz em uma pessoa “atraída e fascinada por tudo o que não é vivo, tudo que está morto: cadáveres, decomposição, fezes, sujeira. Necrófilas são as pessoas que gostam de falar de doença, de enterros, de morte” (Fromm, 1974, p. 41). Trata-se, portanto, de indivíduos que buscam controlar e possuir a vida para destruí-la. A necrofilia constitui o oposto da biofilia e depende das condições sociais do indivíduo a predominância de uma ou de outra tendência. Um dos exemplos analisados por Fromm é Hitler, responsável pela morte de milhares de pessoas e que demonstrava fascínio tanto por cadáveres quanto pelo sofrimento alheio (Fromm, 1967; Fromm, 1974). As condições sociais que possibilitaram esse desenvolvimento serão abordadas mais adiante.

Fromm também se aprofunda no narcisismo, que ele separa em narcisismo individual e narcisismo coletivo. Entretanto, considera que existe um paradoxo no narcisismo, pois, ao mesmo tempo que ele é necessário para a sobrevivência, também representa uma ameaça. Fromm pontua que uma de suas formas é o narcisismo ótimo, que serve à sobrevivência, pois é compatível com a cooperação social. A outra forma de narcisismo ocorre quando ele se transforma em narcisismo coletivo e a religião, a raça etc. tornam-se os objetos de paixão narcisista no lugar do indivíduo: “assim, a energia narcisista é conservada, porém usada no interesse da sobrevivência do grupo e não do indivíduo” (Fromm, 1974, p. 81).

Há, portanto, uma forma benigna e uma forma maligna de narcisismo. A forma benigna tem como objeto do narcisismo o resultado do esforço do indivíduo, algo que ele criou, algo em que trabalhou. Pelo próprio fato de o trabalho exigir contato com a realidade, há um refreamento do narcisismo (Fromm, 1974). Contudo, na forma maligna, o objeto do narcisismo não é algo produzido pelo indivíduo, mas algo que ele possui, como a aparência, o corpo, a saúde ou a riqueza, não incorporando o elemento que caracteriza a forma benigna, isto é, a necessidade de relacionar-se com a realidade (Fromm, 1974). Em ambas as formas malignas, individual e coletiva, observa-se ausência de objetividade e de julgamento racional, fatores que

podem propiciar reações violentas e destrutivas quando os indivíduos percebem ameaça ao objeto do narcisismo.

No narcisismo, observa-se que a pessoa não estabelece uma relação com o mundo externo, mas transforma-se em seu próprio mundo, em razão da solidão e do medo. Quando algo a ameaça, manifesta-se uma fúria intensa. Esse fenômeno pode ser identificado tanto no narcisismo individual quanto no coletivo; entretanto, no coletivo ele se intensifica, uma vez que vários indivíduos passam a acreditar e a cultuar o mesmo objeto, o que evidencia o papel que desempenha como fonte de violência.

Além disso, Fromm destaca que em uma sociedade onde se falta meios para atender adequadamente uma grande maioria de seus membros, deve “atender esses membros com uma satisfação narcisista do tipo maligno para impedir insatisfação entre eles. Para os que são econômica e culturalmente pobres, o orgulho narcisista de pertencer ao grupo é a única – e frequentemente bastante eficaz – fonte de satisfação” (Fromm, 1974, p. 87).

Ou seja, o narcisismo é fonte de diversos conflitos, sendo eles religiosos, raciais e políticos, que acabam resultando em fanatismo e destrutividade. Além disso, Fromm (1974) acrescenta a ideia de vinculação incestuosa à mãe, diferenciando-a da fixação edipiana. Ele considera a vinculação incestuosa mais relevante, sendo uma das principais causas da neurose e da psicose, enquanto os desejos sexuais na realidade desempenham um papel secundário.

Esse anseio “incestuoso”, na acepção pré-genital, é uma das mais fundamentais paixões de homens e mulheres, abrangendo o desejo de proteção do ser humano, a satisfação de seu narcisismo; seu anelo de libertar-se dos riscos da responsabilidade, da liberdade, da consciência; seu anseio de amor incondicional, oferecido sem esperar dele qualquer amor em troca (Fromm, 1974, p. 107).

Acrescenta que, não apenas o bebê precisa dessa pessoa maternal, mas que o adulto muitas vezes também se sente incapaz e, pior ainda, tem consciência dos perigos da vida e sabe que irá morrer, então o adulto anseia por proteção e “esse desejo não é apenas uma ‘repetição’ de seu anseio pela mãe; é gerado por causa das mesmíssimas condições que fazem o bebê anelar pelo amor da mãe continuarem a existir, apesar de em plano diferente” (Fromm, 1974, p. 108).

A mãe, portanto, é a primeira figura de proteção, mas não é a única, sendo que ela pode ser substituída pela família, pelo clã, pela raça, pela religião ou por aqueles que garantem ao indivíduo proteção e amor, essa tendência condiz com a regressão e se acha oposta ao nascer e progredir. Fromm distingue de Freud ao considerar que os desejos sexuais não constituem uma das mais fundamentais tendências do indivíduo, pois a tendência fundamental seria “o desejo

de permanecer ligado ao lugar de onde veio, o medo de ser livre, e o medo de ser destruído pela própria figura em relação à qual ele se tornou inerte, renunciando a qualquer independência” (Fromm, 1974, p. 119).

Logo, Fromm ressalta que o indivíduo tem duas possibilidades de escolha, ele pode regredir ou avançar. E que a “essência do homem não é uma substância específica, como bem ou mal, mas uma contradição arraigada nas próprias condições da existência humana. Esse conflito em si mesmo exige uma solução, e basicamente só há as soluções regressiva e progressiva” (Fromm, 1974, p. 134).

Além disso, observa-se que o narcisismo e a fixação simbiótica possuem grande afinidade e, em muitos casos, ocorre uma mescla entre ambos, podendo também se combinar com a necrofilia. Segundo o autor, “nas formas mais arcaicas de fixação simbiótica e narcisismo, a eles se associa a necrofilia. O anseio por voltar ao útero e ao passado é simultaneamente o anelo pela morte e destruição” (Fromm, 1974, p. 120). É a partir disso que surge a “síndrome de deterioração” proposta por Fromm (1974), que caracteriza, de fato, a pessoa como destrutiva.

Condições Sociais para o Desenvolvimento da Agressão

Por fim, iremos destacar as condições sociais para o desenvolvimento da biofilia e da necrofilia, sendo que Fromm (1974) considera que existem pessoas que amam à vida e pessoas que amam à morte, as classificando como biófilas e necrófilas. E que a maioria das pessoas são uma mistura de ambas as tendências e que “o que importa nisso, como em todos os fenômenos vivos, é saber qual a tendência mais forte, de molde a determinar o comportamento do homem – não a ausência completa ou a presença de uma das duas orientações” (Fromm, 1974, p. 41).

Essa distinção relaciona-se de certa forma com os instintos de vida e de morte em Freud, como já mencionado. Mas Freud vinculou o instinto de morte a “um princípio filogeneticamente mais antigo, a que denominou ‘compulsão repetitiva’. Este age de maneira a restaurar uma condição anterior e acabar levando a vida orgânica de volta ao estado original de existência inorgânica” (Fromm, 1974, p. 52). Fromm, por sua vez, observa que, na realidade, a maioria dos seres vivos luta pela vida e apenas uma minoria tende à destruição. A partir disso, ele busca responder às seguintes questões: quais são as condições responsáveis pela necrofilia? E o que contribui para o desenvolvimento das orientações necrófilas e biófilas em geral? (Fromm, 1974). A partir dessas respostas, torna-se possível compreender um quadro mais amplo das orientações voltadas à destrutividade.

Dessa forma, Fromm analisa como as condições sociais e econômicas influenciam a orientação de vida das pessoas, possibilitando que algumas se tornem biófilas e outras, necrófilas, mesmo considerando que a maioria apresenta uma mistura de ambas as tendências. Ele ressalta que, para desenvolver-se como biófila, é necessário que a criança tenha convivido e crescido com pessoas que valorizam a vida, tendo contato afetoso durante a infância, ausência de ameaça, harmonia, um estilo de vida interessante etc. (Fromm, 1974).

Em contrapartida, as condições opostas favorecem o desenvolvimento da necrofilia: “crescer entre pessoas amantes da morte; falta de estímulos; medo; condições que tornam a vida rotineira e desinteressante; ordem mecânica, em vez de uma ordem determinada por relações diretas e humanas entre as pessoas” (Fromm, 1974, p. 56). Essas condições situam-se mais no âmbito do desenvolvimento individual, contudo, Fromm também aborda de forma mais direta as condições sociais, destacando a liberdade como uma das mais significativas.

O primeiro ponto enfatizado por Fromm está relacionado à necessidade de “uma situação de abundância em lugar de escassez, tanto econômica quanto psicologicamente” (Fromm, 1974, p. 56). Sociedades que não possibilitam aos indivíduos a satisfação de suas necessidades básicas, obrigando-os a lutar diariamente contra a fome, a miséria e pela própria sobrevivência, tendem a promover à necrofilia.

Além disso, o autor enfatiza que as injustiças precisam ser abolidas para que haja o desenvolvimento da biofilia, e isso não está relacionado a uma acumulação desigual, mas sim a exploração de uma classe por outra, sendo que essa exploração não permite o florescimento de uma vida digna (Fromm, 1974). A condição mais importante para tornar-se biófilo é a liberdade, sendo que Fromm diferencia “liberdade de” e “liberdade para”. Refere-se à “liberdade para” criar e realizar suas potencialidades. Assim, é necessário garantir “segurança, no sentido de que as condições materiais básicas para uma vida digna não estejam ameaçadas; justiça, no sentido de que ninguém possa ser um fim para os objetivos de outrem; e liberdade, no sentido de que cada indivíduo tenha a possibilidade de ser um membro ativo e responsável da sociedade” (Fromm, 1974, p. 57). Essas são as condições, tanto individuais quanto sociais, para o desenvolvimento da biofilia.

Ao refletir sobre as condições sociais que favorecem a necrofilia, Fromm levanta outra questão: qual a relação entre a necrofilia e a sociedade industrial contemporânea²? Essa questão

² Fromm utiliza, em alguns momentos, o termo “sociedade industrial” por ser uma expressão de uso comum na época. A partir da década de 1950, esse termo se popularizou na sociologia norte-americana. Em outros momentos, o autor emprega “sociedade capitalista”. Considera-se que o termo mais adequado à sua concepção é “sociedade capitalista”, expressão ainda amplamente utilizada por marxistas e por grande parte da sociologia contemporânea. Além disso, reconhecemos que suas análises continuam válidas para compreender a realidade atual, já que as

é fundamental, pois evidencia elementos sociais que frequentemente não são considerados em outras análises, como o fato de que a maioria das pessoas não se rebela contra guerras, injustiças ou a destruição iminente da vida. Por qual motivo não se contrapõem a essas situações? Fromm oferece uma resposta importante: a grande maioria das pessoas, quase sempre de forma inconsciente, sente-se angustiada com suas próprias vidas devido à competição social e ao medo constante de fracassar, esquecendo-se das ameaças claras à própria existência e ao mundo (Fromm, 1974).

A questão central é que as pessoas se tornam coisas, não se trata mais de vê-las como seres vivos, mas de reconhecer que o indivíduo se transforma em *homo consumens* e *homo mechanicus* (Fromm, 1974). Isso significa que o tratamento dos indivíduos torna-se abstrato, e eles passam a obedecer às leis das coisas, sendo atraídos por objetos mecânicos, carros, televisões, esportes e armas, ao passo que seu interesse pela vida diminui, direcionando-se para a destruição. A atração sexual ainda existe, mas suas referências tornaram-se mecanizadas, gerando um desinteresse pela vida. O sexo transformou-se em um artigo de consumo. Como resume Fromm: “a intelectualização, quantificação, abstratificação, burocratização e objetivação – as características mesmas da moderna sociedade industrial, quando aplicadas a pessoas ao invés de a coisas, não são os princípios da vida, porém da mecânica” (Fromm, 1974, p. 64). Essas condições favorecem o desenvolvimento de indivíduos necrófilos e estão presentes na vida de todos na sociedade capitalista.

Entretanto, para responder à questão inicial sobre a natureza humana, se o ser humano é bom ou mau, Fromm recorre à discussão sobre liberdade, determinismo e alternativismo, retomando o pensamento de autores como Marx e Freud para fundamentar sua posição. Ambos afirmam a possibilidade de transformação a partir da tomada de consciência das forças que condicionam o indivíduo: para Freud, a consciência do inconsciente; para Marx, a consciência da luta de classes (Fromm, 1974; Fromm, 1962).

Desse modo, Fromm considera que existem condições sociais e psíquicas que se impõem ao sujeito e influenciam suas ações. No entanto, tais determinações não são absolutas. O indivíduo pode se libertar na medida em que toma consciência dessas forças, sejam elas inconscientes, como aponta Freud, ou econômicas e históricas, como destaca Marx.

Portanto, Fromm não considera que o ser humano possui uma essência boa ou má, mas entende que ele é resultado de múltiplas determinações e precisa adquirir consciência de suas

transformações ocorridas nas últimas décadas foram de ordem formal, e não substancial, ou seja, foram mudanças no capitalismo e não sua superação e substituição por outra forma de sociedade (Almeida, 2020; Braga, 2013).

condições para alcançar a liberdade. A partir dessa premissa, Fromm construiu toda a sua concepção acerca do fenômeno da agressividade, considerando as manifestações benignas como defesas que atuam em favor da vida, e as manifestações malignas como reações a uma vida não vivida. É a partir desses elementos que se analisará a contribuição de Erich Fromm para a compreensão da violência contemporânea.

Discussão

A partir da exposição dos principais conceitos e ideias desenvolvidos por Fromm em *O Coração do Homem* (1974), torna-se possível analisar suas contribuições para a compreensão da violência contemporânea.

Primeiramente, a conceituação e a divisão que Fromm fez acerca dos diferentes tipos de violência é importante para ressaltar que existem manifestações específicas que surgem em defesa a vida (Marzagão, 2021; Dobrenkov, 1978; Fromm, 1973). Pois, se considerássemos qualquer manifestação de violência como se tivesse a mesma causa e sob o mesmo nome, não conseguiríamos compreender o fenômeno em sua totalidade/complexidade.

Entretanto, Fromm não parte da ideia de que a violência é apenas um instinto biológico, ao contrário, busca compreendê-la em todas as suas dimensões: sociais, biológicas e psíquicas (Marzagão, 2021). Ou seja, “ele culturaliza as paixões básicas da humanidade e sugere que elas podem mudar de acordo com a época histórica e o contexto econômico e social” (Maciel, 2020, p. 268). E, ao diferenciarmos essas formas, torna-se mais viável identificar suas causas, bem como analisar os contextos, as funções e os sentidos da violência. Iremos destacar e exemplificar algumas manifestações de agressividade trabalhadas por Fromm para refletirmos sobre sua contribuição fundamental.

No caso das violências benignas, observa-se que algumas manifestações podem se aproximar de um caráter mais patológico, como a violência compensatória, que está a serviço de suprir certas insatisfações e tende a se aproximar da violência maligna. Entretanto, Fromm reconhece que ela ainda serve à vida, pois, nesse contexto, a agressão tem a função de compensar e não de destruir. Não se trata do ato de destruir pelo prazer da destruição ou pela atração pela morte, mas de uma forma de compensar insatisfações (De la Fuente, 1989; Fromm, 1966).

Para tornar essa ideia mais clara, tomemos um exemplo: uma pessoa pobre, constantemente humilhada em seu trabalho, mal remunerada e com dificuldades para sustentar sua família, sofre silenciosamente os abusos de seu chefe, pois depende daquele emprego para sobreviver. Ao chegar em casa, toda a angústia e sofrimento acumulados precisam ser

extravassados de alguma maneira. Contudo, dadas as condições limitadas de vida, essa pessoa não encontra formas produtivas de fazê-lo. Assim, acaba descontando as violências sofridas fora de casa em sua família, reagindo de forma agressiva não porque deseja destruí-la, mas porque não dispõe de melhores condições para lidar com a situação (Marzagão, 2021). Esse seria um exemplo de violência compensatória.

Essa forma de violência, apesar de prejudicial, ainda se encontra a serviço da vida, na medida em que possibilita ao indivíduo uma forma de lidar com as violências sofridas. A pessoa não tem como objetivo a destruição, tampouco encontra prazer no sofrimento causado, mas também não compreende a totalidade da situação. Muitas vezes ela ocorre porque os impulsos sádicos e masoquistas “auxiliam o indivíduo a fugir dos insuportáveis sentimentos de solidão e impotência” (Carvalho, 2019, p. 18). É justamente aqui que a contribuição de Fromm se torna essencial: ao articular as condições sociais e psíquicas que produzem a violência, oferece meios de pensar as determinações que a reforçam, isso será destacado adiante.

A violência reativa corresponde a uma reação instintiva de sobrevivência, voltada à preservação da vida (Halfpap, 1999; Fromm, 1974). Entretanto, quando direcionada à defesa de posses e propriedades, deixa de se configurar como manifestação puramente instintiva, pois passa a envolver valores e outros aspectos além do biológico. Nesse ponto, surge a questão: seria ela considerada uma forma de violência benigna ou maligna? Ainda assim, é a modalidade que, segundo Fromm, mais se aproxima de um impulso inato.

As outras formas de manifestação de violência benignas são muito presentes no cotidiano, principalmente pensando na forma recreativa. A concepção de Fromm levanta pontos que são importantes para refletirmos, como por exemplo as motivações da violência recreativa, que visa mostrar técnica (Halfpap, 1999; Fromm, 1974), mas que de certa forma é motivada pela competição, até mesmo uma forma compensatória, mas que não atinja diretamente alguém ou algo, sendo uma versão “produtiva”. Mas esse tipo de violência não é comum em todos os tipos de sociedade e é incentivada muito pelo caráter competitivo e como forma de extravasar insatisfações, mas é considerada uma manifestação “inofensiva”, apesar de possuir uma função dentro da sociedade capitalista.

A violência vingativa apresenta diversas causas que Fromm não aprofunda, dado que não constitui o foco central de sua análise. Ainda assim, a vingança pode ser compreendida também a partir de motivações sociais, mesmo que Fromm a tenha caracterizado como uma reação irracional (De la Fuente, 1989; Fromm, 1974), o que se mostra problemático. Por exemplo, um trabalhador constantemente humilhado por seu chefe, ao assumir posteriormente a posição de liderança, pode reproduzir as mesmas práticas como forma de punição, em um

movimento de vingança pelo que vivenciou. Nesse caso, não se trata apenas da lógica simplificada do “olho por olho”, mas de relações de poder marcadas pela exploração de um sobre o outro, que ultrapassam a noção de mera irracionalidade. É uma relação “caracterizada pela exploração dos subalternos, pela intensificação da distância entre os envolvidos e pelos sentimentos de ressentimento, hostilidade e humilhação” (Marzagão, 2021, p. 614). Assim, embora existam manifestações de violência vingativa em diferentes contextos, ela não é universal e, na atualidade, assume formas distintas, cuja compreensão é fundamental para apreender a totalidade do fenômeno.

Podemos pensar também nas manifestações malignas, como a fixação simbiótica à mãe e o narcisismo. Ambas surgem como respostas a uma vida não vivida e a condições sociais que impediram o desenvolvimento do indivíduo (Silva García, 2002; Fromm, 1974). Um exemplo é o de uma mãe que não permite que o filho corte vínculos e conquiste sua autonomia, mantendo sobre ele um controle possessivo. Essa criança, impedida de se desenvolver de maneira independente, tende a buscar, na vida adulta, relações de dependência, entendendo a independência como um fardo. Muitas vezes, a mãe não age de forma consciente, acredita estar protegendo, mas, em alguns casos, esse comportamento é expressão de um narcisismo maligno, em que tudo o que ela possui, inclusive o próprio filho, é reduzido a objeto de vinculação narcisista, levando-a a reagir com agressividade diante de qualquer tentativa de autonomia.

Essas duas manifestações (narcisismo e fixação simbiótica à mãe) também podem se expressar em outras formas de violência muito comuns hoje em dia, particularmente no contexto político. A polarização política e as disputas de poder convencem milhões a apoiar um lado e a acreditar em tudo o que é dito, colocando pessoas como autoridade e tornando seus seguidores completamente cegos. Nesse sentido, a fixação simbiótica nos mostra alguns aspectos relevantes da disputa política no Brasil, na polarização entre Lula e Bolsonaro, por exemplo, mostrando os aspectos inconscientes dessa fixação. A ideia das pessoas de estarem vinculadas a uma nação ou a um partido faz com que se sintam pertencentes e as afastam do sentimento de solidão e medo, bem como permite que descarreguem seu ódio na posição contrária.

É lógico que a dinâmica da polarização política apresenta diversas nuances, mas, pensando nessa perspectiva psicológica da grande massa de pessoas, conseguimos visualizar e compreender alguns aspectos da incapacidade das pessoas de cortarem os vínculos com a autoridade. Afinal, nesses casos, juntam-se a falta de independência e a fixação ao objeto, assim como a vinculação narcisista: quando alguém ameaça ou ofende o objeto fixado e adorado (Silva García, 2002), isso é percebido como um ataque individual e gera ódio extremo, como

ocorreu em diversos momentos. Esse movimento pode ser compreendido tanto como fixação simbiótica quanto como narcisismo coletivo, pois parece resultar da mescla de ambos, levando as pessoas a perderem a racionalidade e a objetividade.

Em relação à manifestação mais cruel e destrutiva, a necrofilia, podemos considerar algumas contribuições para a compreensão da violência contemporânea. Alguns aspectos estão diretamente ligados às experiências individuais de quem venha a se tornar necrófilo. Como citado por Fromm (1974), trata-se de pessoas que vivem cercadas por indivíduos amantes da morte, inseridas em uma vida desinteressante, sem vínculos reais com os outros, entre outros fatores. Esses elementos também se relacionam às condições sociais, pois, como o autor destaca, a competição social e o anseio pelo sucesso, frutos da sociedade capitalista, levam os indivíduos a deixarem de enxergar uns nos outros a humanidade. Assim, as pessoas tornam-se coisas, e a exploração de uma classe por outra reforça a desumanização (Formiga, 2019; Dobrenkov, 1978; Fromm, 1974). A contribuição de Fromm, portanto, é ressaltar que a mais destrutiva das manifestações de agressividade não está vinculada a algo instintivo, mas às condições sociais que permitem sua emergência. Nesse sentido, como foi citado anteriormente, Hitler é um exemplo significativo: Fromm o considerou narcisista, com fixação simbiótica à mãe e necrófilo, enquadrando-o no que denominou de “síndrome da deterioração” (Silva García, 2002; Fromm, 1974).

Ou seja, o que todas essas manifestações têm em comum? O que até mesmo as manifestações benignas podem nos mostrar? A partir dessas questões, conseguimos identificar de forma clara a contribuição de Fromm para a compreensão da agressividade. Todas as manifestações apresentadas por Fromm estão relacionadas a valores e sentimentos da sociedade capitalista, e mesmo aquelas consideradas benignas podem refletir esses valores. Mas, dentre as manifestações benignas, apenas uma não está diretamente vinculada a isso: a violência reativa, motivada pela defesa dos interesses vitais do indivíduo (Marzagão, 2021; Fromm, 1974). Ela pode, portanto, ser a única apontada por ele que tem como objetivo a sobrevivência e é compartilhada com todos os outros seres vivos.

Logo, Fromm percebeu e destacou a influência da sociedade capitalista na manutenção da violência, pois é a partir dos valores, das ideologias, dos interesses e da maneira como o indivíduo é tratado e visto dentro da sociedade capitalista que se torna possível o desenvolvimento da necrofilia. Valores como a competição social, a ambição e a busca por poder fazem com que as pessoas tratem outras pessoas como objetos, como mercadorias, desumanizando a vida e favorecendo que os indivíduos se apeguem a objetos ou ideais, renunciando a sua própria autonomia. Quando não se enxerga os outros como seres humanos,

não faz diferença se estão bem, aliás, destruí-los passa a ser a única forma de satisfação e de excitação para o indivíduo, dentro de toda a miséria que vivenciou (Fromm, 1974). Contudo, como Fromm mencionou, são poucos os indivíduos que de fato apresentam essa manifestação tão cruel, a grande maioria das pessoas é uma mistura das duas tendências. Assim, compreendermos a existência disso possibilita que lutemos por uma transformação social.

Mas pode-se questionar qual seria a importância dos valores na explicação do fenômeno da agressividade. Para esclarecermos essa questão, faz-se necessário conceituar o que entendemos por valores, “o valor é algo significativo, importante, para um indivíduo ou grupo social. Os valores, por conseguinte, são o conjunto de ‘seres’ (objetos, ações, ideias, pessoas etc.) que possuem importância para os indivíduos ou grupos sociais” (Viana, 2007, p. 20). Ou seja, acrescenta o autor: “o valor não é um atributo natural dos seres (objetos, ações, ideias, pessoas etc.), e sim uma atribuição que fornecemos a eles” (p. 20).

Dessa forma, existem valores que são autênticos e valores que são inautênticos, sendo que os autênticos são manifestação da essência humana, como liberdade, criatividade e cooperação. E os inautênticos são valores como competição, riqueza material, status, etc. (Viana, 2007). Dessa forma, a contribuição de Fromm foi perceber que determinados valores afetam os sentimentos das pessoas e possibilitam que elas se tornem violentas. Isso porque:

Os valores podem criar, fortalecer ou enfraquecer sentimentos. Por exemplo, numa sociedade capitalista, os valores que apontam para a valoração da aquisição de riqueza material, poder, status etc. podem produzir em inúmeros indivíduos o sentimento de ambição e/ou a inveja. O valor burguês da competição pode enfraquecer o sentimento de amor por outras pessoas e/ou fortalecer o sentimento de inveja.

Os sentimentos, por sua vez, podem gerar, fortalecer ou enfraquecer valores. O sentimento de ódio pode tornar a violência, a agressividade ou a força um valor [...] Assim, temos a percepção do caráter mobilizador dos sentimentos e seus efeitos sobre os valores (Viana, 2007, p. 41).

Portanto, Fromm oferece elementos para compreendermos alguns aspectos do fenômeno da violência. Embora enfatize sobretudo as questões psíquicas, também destaca as determinações sociais, apontando a sociedade capitalista como geradora desse homo mechanicus, que valoriza o que é mecânico em detrimento do que é vivo (Formiga, 2019; Dobrenkov, 1978; Fromm, 1974).

A questão da alienação apresenta uma relação bastante evidente com o sofrimento humano, uma vez que, para Fromm, uma pessoa alienada não pode ser considerada sadia.

Quando o indivíduo passa a sentir a si mesmo como uma coisa, isso lhe provoca intensa ansiedade (Viana, 2021). Assim, a condição social da sociedade capitalista torna a grande maioria das pessoas alienadas, impedindo que desenvolvam suas potencialidades, possibilitando, portanto, o desenvolvimento da necrofilia.

Fromm considera que existem potencialidades primárias, como o amor, o trabalho produtivo, a independência e a capacidade de alcançar a “liberdade para”, sendo o capitalismo incompatível com a liberdade no seu sentido positivo (Marzagão, 2021; Fromm, 1974). Portanto, quando as condições sociais não são propícias ao desenvolvimento dessas potencialidades primárias, surgem as potencialidades secundárias, que incluem a destruição e a crueldade, expressas pelas manifestações malignas (De la Fuente, 1989). Fromm (1974) enfatiza essa questão, destacando a importância da consciência das condições sociais, pois geralmente nossa percepção está limitada ao que a sociedade da qual somos membros nos permite perceber e o que está fora disso é reprimido.

Nesse sentido, destacaremos um referencial teórico para a compreensão da violência, permitindo articular os elementos apresentados por Fromm com uma análise mais ampla. De acordo com Viana (1999),

A teoria da sociedade de Marx apresenta a ideia de que o controle é gerado pelo conflito. Segundo Marx, a instituição das sociedades de classes e dos conflitos entre elas faz emergir instituições voltadas para o controle social, em especial o Estado, para assim amortecer os conflitos sociais. O Estado, o direito, as ideologias, as instituições privadas, a cultura e a sociabilidade são formas de regularização das relações sociais, ou, em outras palavras, são formas de controle social. Os conflitos de classe iriam dilacerar a sociedade civil sem a emergência destas formas de controle social.

O Estado e as demais formas de regularização das relações sociais não abolem o conflito de classes e os demais conflitos sociais derivados dele; apenas realizam o seu amortecimento. Os conflitos sociais continuam existindo e gerando formas de violência, porém não se radicalizam ao ponto de realizar uma revolução social (p. 231).

A partir disso, compreende-se que todas as formas de violência têm como determinação fundamental os conflitos de classe, ainda que cada caso concreto apresente múltiplas determinações, o que permite explicar manifestações específicas, como a violência vingativa ou compensatória. Como afirma o autor, “o mesmo procedimento de busca das determinações do fenômeno, entrelaçadas com a determinação fundamental, fornece o núcleo metodológico para se compreender as diversas formas de violência na sociedade contemporânea” (Viana,

1999, p. 234). Dessa forma, compreender a violência como uma relação social derivada de outras relações sociais, marcadas pelo conflito de classes e pelos mecanismos de controle, é essencial para apreendê-la em sua totalidade.

Fromm, por sua vez, busca articular os conflitos psíquicos com os aspectos sociais. No entanto, sua análise carece de uma compreensão mais profunda das relações de classe, o que o leva a uma teoria dicotômica que, por vezes, gera ambiguidades conceituais e confusões. Isso se justifica pela falta do uso do método dialético (Viana, 2024), que leva o autor a cair em contradições, pois várias formas de violência não se encaixam em seu discurso (especialmente as sociais), dado que na realidade, ele aborda um aspecto (o psíquico) e de forma mais individual. Ou seja, no fundo ele apresenta um aspecto do fenômeno, mas o considera como uma forma de manifestação de violência e esse é seu equívoco.

Ainda assim, a aproximação entre Fromm e Viana permite compreender a violência como um fenômeno que surge tanto das condições sociais quanto das motivações psíquicas que emergem a partir delas. Portanto, Fromm contribui para o entendimento de que a violência não deve ser analisada apenas a partir dos parâmetros de uma sociedade específica, sem o devido questionamento da própria sociedade. Ele considera que os valores autênticos são bloqueados pela sociedade capitalista e que isso gera as resistências e a “doença mental”, e que existe então uma produção social da violência, instituída por uma sociedade repressiva, competitiva, burocrática e abstratificante (Peixoto, 2025) e “as pessoas agora são avaliadas como encarnações de um valor de câmbio quantitativo” (Maciel, 2020, p. 280).

Como já foi dito, é importante que haja uma divisão das manifestações de violência com base em suas diferentes formas, entretanto, a maneira adotada pelo autor gerou certas dificuldades e limitações, “dando atenção especial ao papel do fator psicológico na história, Fromm exagera demais a importância desse fator e como resultado perde o conteúdo histórico-concreto da criação social do homem” (Dobrenkov, 1978, p. 59).

Primeiramente, a distinção entre formas de agressão malignas e benignas levanta questões: expressariam esses termos de fato formas de agressão ou, na realidade, determinações do fenômeno? As manifestações que Fromm classifica como agressão maligna não seriam, na verdade, determinações do fenômeno, e não o fenômeno em si?

Isso porque, ao pensarmos no narcisismo, por mais que haja uma separação entre narcisismo benigno e narcisismo maligno realizada por Fromm, ainda é problemático o seu uso. Afinal, o narcisismo seria uma manifestação de agressão maligna? Toda pessoa narcisista agiria de forma agressiva? Ou o narcisismo é apenas uma determinação que pode vir a gerar uma reação agressiva dependendo do contexto, principalmente se o objeto do narcisismo for

atacado? O narcisismo, por si só, como característica do indivíduo, não levará necessariamente a agir de maneira violenta, seja em sua forma benigna, seja em sua forma maligna.

O mesmo raciocínio cabe à fixação simbiótica à mãe, que explica uma motivação psíquica para reagir de determinada forma quando se sente ameaçado (ameaça à família, ao clã, à religião etc.). Mas, nesse caso, trata-se de uma determinação: se a ameaça não ocorrer, não haverá reação agressiva. Assim, parece se tratar mais de uma possível determinação, que depende do contexto, do que de uma forma de agressão por si só.

Além disso, os conceitos de biofilia e necrofilia, enquanto tendências orientadoras da vida, suscitam dúvidas. Considerando que todos os indivíduos podem apresentar uma mistura ou predominância de uma dessas tendências, a biofilia não abarcaria todas as manifestações consideradas benignas? E a necrofilia não corresponderia às manifestações malignas? Se tais tendências representam o dilema fundamental que molda o comportamento humano, como poderia a necrofilia situar-se ao mesmo nível que o narcisismo e a fixação simbiótica à mãe? Por que somente a junção dessas três condições conduziria aquilo que Fromm (1974) denomina síndrome de deterioração? Uma pessoa necrófila, isoladamente, não seria suficiente para caracterizar essa síndrome? Além disso, essa síndrome está no mesmo nível que neurose e psicose? Há muitas questões que não foram desenvolvidas por Fromm.

Portanto, observa-se uma falta de clareza nos conceitos trabalhados por ele, bem como uma sobreposição de elementos que gera considerável confusão, isso considerando apenas essa obra, se analisarmos as demais, isso ficaria ainda mais evidente. Essa complexidade parece decorrer, em grande parte, da influência de Freud, especialmente na tentativa de manter a discussão sobre vida e morte dentro de uma perspectiva dicotômica e por não considerar de maneira mais adequada os fenômenos sociais na origem dos desequilíbrios psíquicos.

Apesar desses equívocos, Fromm fornece elementos importantes acerca do fenômeno da agressão, permitindo o acesso a motivações psíquicas. Tais elementos podem ser desenvolvidos de forma a superar as confusões presentes, articulando-se com a compreensão da luta de classes como determinação fundamental, da sociedade como totalidade e das demais determinações que se relacionam nas complexas dinâmicas da vida social (Viana, 1999).

Desse modo, Fromm oferece uma contribuição voltada principalmente às motivações psíquicas para a compreensão da violência contemporânea, ainda que apresente certas limitações. Diferencia-se da maioria dos autores que analisam apenas aspectos isolados e os sobrepõem a outros, como ocorre no reducionismo biológico, pois, embora sua ênfase recaia sobre o psíquico, ele o articula à sociedade capitalista e a seus valores inautênticos. Além disso, destaca que, para que a violência deixe de ser uma manifestação tão recorrente, é necessária

uma transformação social, apontando a liberdade como elemento fundamental (Fromm, 1974), uma vez que os valores da sociedade capitalista constituem os principais mecanismos de reprodução e reforço da violência.

Considerações Finais

Portanto, torna-se evidente que a contribuição fundamental de Erich Fromm para a compreensão da violência contemporânea está vinculada à crítica da sociedade capitalista, uma vez que as formas mais destrutivas de violência decorrem de sua própria estrutura (Fromm, 1965). O autor “estrutura sua crítica a boa parte da psiquiatria e da psicologia, que se recusa a identificar na totalidade da sociedade (e não no indivíduo) uma carência de sanidade mental” (Maciel, 2020, p. 270). Ou seja, Fromm identifica que o problema da agressividade e da sanidade mental não se resume aos indivíduos “desajustados”, mas baseia-se no desajustamento da própria cultura (Maciel, 2020).

Dessa forma, embora não apresente de maneira explícita sua compreensão sobre as relações de classe, sua contribuição direciona-se à transformação social, com foco na crítica à alienação e na busca pela liberdade (Fromm, 1974). Assim, Fromm enfatiza, ainda que de modo mais marginal em *O Coração do Homem*, que a violência não se reduz a determinações psíquicas, mesmo que, em certa medida, caia no equívoco que ele próprio critica.

Logo, a partir de suas reflexões e críticas à sociedade capitalista, e indo além delas, é possível compreender determinados aspectos do fenômeno da violência contemporânea, uma vez que sua abordagem permite visualizar os componentes psíquicos envolvidos e problematizar os mecanismos que sustentam esse fenômeno.

Contribui, portanto, para que tenhamos elementos que possibilitem a compreensão da violência contemporânea a partir de seu aspecto psíquico, articulando com os valores da sociedade capitalista, permitindo a análise de dinâmicas de violência, como a compensatória, reativa, etc. Contudo, é necessário acrescentar a isso uma compreensão mais ampla da violência como uma relação social derivada de outras relações sociais, marcadas pelo conflito de classes e pelos mecanismos de controle (Viana, 1999), a fim de superar as limitações de Erich Fromm para a compreensão da violência contemporânea em sua totalidade na sociedade capitalista.

Referências

- Almeida, F. M. de (org.). (2020). *O Regime de Acumulação Integral*. Retratos do Capitalismo Contemporâneo. Goiânia: Edições Redelp.
- Braga, L. (2013). *A Teoria do Regime de Acumulação Integral*. Revista Conflicto Social. Ano 06, nº 10.
- Carvalho, S. (2019) *Erich Fromm e a crítica da pena: aproximações entre psicanálise e criminologia desde a teoria crítica da sociedade*. Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM, 14 (3), vol. 14.
- De la Fuente, R. (1989). *El pensamiento vivo de Erich Fromm*. México: El Colegio Nacional.
- Dobrenkov, V. I. (1978). *O Neofreudismo à Procura da Verdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Formiga, D. C. (2019). *A constituição humana e a educação na sociedade da aquisição: contribuições do pensamento de Erich Fromm*. Goiânia: Revista Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, 29 (2), pp. 167-179.
- Freud, S. (1915/1974). *Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte*. Obras completas de Sigmund Freud (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1974). *Além do Princípio de Prazer*. Obras completas de Sigmund Freud (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Fromm, E. (1962). *Meu Encontro com Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fromm, Erich. (1965). *Psicanálise da sociedade contemporânea*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fromm, E. (1966). *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fromm, E. (1967). *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fromm, E. (1973). *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fromm, E. (1974). *O Coração do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Halfpap, D. M. (1999). *Alguns fatores de deterioração social no processo produtivo num ambiente de violência urbana* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis, Brasil.
- Ianni, O. (2002). *A violência na sociedade contemporânea*. Revista USP, (55), pp. 26-35.

- Maciel, F. (2020). *Erich Fromm e a crítica da cultura capitalista contemporânea*. Porto Alegre: Sociologia, ano 22, n. 55, pp. 262-288.
- Marzagão, F. A. (2021). *Liberdade em Erich Fromm: Contradições existenciais e a entrega criativa do indivíduo*. Belo Horizonte: Sapere aude, vol. 12, n. 24, pp. 607-616.
- O que se sabe e o que falta saber sobre caso de ex-jogador que agrediu a namorada com mais de 60 socos em elevador*. (2025, 30 de julho). G1. <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2025/07/30/o-que-se-sabe-agressao-socos-elevador.ghtml>
- Peixoto, M. A. (2023). *Tráfico internacional de mulheres: Violência e Representações Cotidianas*. Goiânia: Edições Redelp.
- Peixoto, M. A. (2025). *Violência criminal: uma leitura teórica*. In A. L. V. da Silva (Org.), *Ciências humanas e sociais: Perspectivas interdisciplinares* (Vol. 7, pp. 73-82). Belo Horizonte: Editora Poisson.
- Rother, E. T. (2007). *Revisão sistemática X revisão narrativa*. Acta Paulista de Enfermagem, 20(2), V-VI.
- Silva García, J. (2002). *Bases psicológicas de la violencia social*. In M. Muñoz de Alba Medrano (Coord.), *Violencia social*. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Jurídicas.
- Viana, N. (1999). *Violência, conflito e controle*. In D. Oliveira et al. (Org.), *50 anos depois: Relações raciais e grupos socialmente segregados* (2ª ed., Vol. 1, pp. 223-239). Goiânia: Cegraf.
- Viana, N. (2004). *A Dinâmica da Violência Juvenil*. Rio de Janeiro: Booklink.
- Viana, N. (2007). *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus.
- Viana, N. (2021). *Introdução ao Pensamento de Erich Fromm*. Goiânia: Edições Enfrentamento.
- Viana, N. (2024). *A Dialética Revolucionária*. Goiânia: Edições Redelp.